

GUIA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



Ministro de Estado da Educação

Victor Godoy Veiga

Secretário-Executivo

José de Castro Barreto Júnior

Secretário de Alfabetização

Fábio de Barros Correia Gomes Filho

Secretaria de Alfabetização Carlos

Alberto de Almeida

Cláudia da Silva

Damião Felix da Silva

Daniel do Nascimento Assis Filho

Daniel Prado Machado

Eduardo Federizzi Sallenave

Francisca Negreiros da Silva Ivone

Costa de Oliveira

José Joaquim de Oliveira Filho

Lorena Cumpertino de Paula

Mariana Almeida de Faria

Maria Eduarda Manso Mostaço

Maurício Almeida Prado

Paula Joana Bareiro Tavares

Paulo Sérgio Parro

Pollyana Cardoso Neves Lopes

Renata Silva de Almeida dos Santos

Rosimere Gomes Rocha

Stela Fontes Ferreira da Cunha

Talita Lima Lemes

Vanessa Carneiro da Costa

Rezende

Verônica Cardozo Pessoa

de Carvalho

William Ferreira da Cunha

Diagramação

Bruno Eustáquio

Ivan de Almeida

Revisão textual e de normalização da ABNT

Regina Lúcia de Araújo Gramacho

Risonete Lima de Almeida

Texto

Rosemary Lapa de Oliveira -
consultora - Organização das
Nações Unidas para a Educação,
a Ciência e a Cultura (UNESCO),
no âmbito do Projeto 914BRZ1094.5,
sob o contrato nº 2933/2021.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 ERA UMA VEZ, ASSIM VAI COMEÇAR..... | 4 |
| 2 LER OU CONTAR? | 9 |
| 3 PERFORMANCE: COMO CONTAR HISTÓRIAS? | 12 |
| 3.1 Encantar uma história. | 14 |
| 3.2 Criar um cenário | 18 |
| 3.3 Uso de apetrechos | 20 |
| 4 ENCONTRANDO SUA IDENTIDADE DE CONTADOR DE HISTÓRIAS | 25 |
| 4.1 Antes da contação/leitura | 26 |
| 4.2 Durante a contação/leitura..... | 27 |
| 4.3 Após a contação/leitura | 29 |
| 5 CONSTRUINDO REPERTÓRIO | 32 |
| 5.1 Qual a melhor história para cada faixa etária?..... | 33 |
| REFERÊNCIAS. | 41 |



1 ERA UMA VEZ, ASSIM VAI COMEÇAR...



Desde tempos imemoriais, ouvimos e contamos histórias e, até hoje, povos e culturas, de diferentes épocas e regiões do mundo, cultivam a prática de elaborar e compartilhar narrativas. Segundo Yuval Harari (2017), contar histórias nos fez a raça humana que somos hoje em dia. Concordando com ele, podemos perceber que o gosto por histórias nos faz humanos, pois, através delas, aprendemos mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

Daniel Munduruku (2015), um estudioso indígena da tradição da contação de histórias, narra que havia questionado sua avó sobre os segredos do mundo e, por conta disso, um dia, ela o levou até a curva do rio para lhe passar alguns ensinamentos. A senhora, então, teve uma conversa com ele, mais ou menos assim:





- Meu neto é curioso e isso é bom! Os curiosos sempre encontram o que procuram. Nosso povo sabe de onde veio. Sabe para onde vai. Tudo isso está escrito na tradição de nossa gente, desde o começo dos tempos. Tudo está escrito na natureza. É preciso apenas saber ouvir. Ele ficou maravilhado com as palavras da avó e sua sabedoria e perguntou o que ele deveria fazer para aprender também. Ela respondeu:

- Não sei. Cada pessoa aprende o que precisa para viver bem. Aos poucos, você será conduzido aos conhecimentos de que precisa. O que você deve agora é treinar os sentidos, ouvindo os sons da tradição. Tem que ouvir histórias de antigamente (MUNDURUKU, 2015, p. 23).

Munduruku traz, em seu texto, uma questão importante para o campo da contação de histórias que é o **saber ouvir**: para aprender a contar histórias é preciso, antes, saber ouvir histórias e estar atento a ouvir o que as pessoas dizem sobre si e seu dia a dia.

Walter Benjamin (2020) explica que a principal ação do contador é a troca de experiências, pois a transmissão de forma oral traz todas as vivências de quem contou a história anteriormente. Isso, porque as histórias, contendo ou não elementos mágicos e fantásticos, baseiam-se em pessoas reais, passando por situações cotidianas. Para ele, quem sabe ouvir, com atenção, os eventos que ocorrem ao seu redor, é capaz de contar de forma lúdica e mais acessível as histórias vivenciadas. Desse modo, nascem as histórias antigas e as atuais. Enfim, esse autor declara que contadores de histórias

estarão sempre presentes entre nós, pois contar histórias é criar e alimentar o imaginário, abrangendo o consciente e o inconsciente, para todas as pessoas, em todas as idades, em todos os povos e culturas.

No século XXI, a arte de contar história tem ocorrido não só em escolas, palcos, praças, hospitais, asilos e lares, ela ocorre, também, nas mídias digitais. Hoje existem vários tipos de contadores de histórias e o seu papel varia significativamente, mas cada um tem sua maneira própria de contar as histórias. Para Frederico Fernandes (2015, p. 113), “Todos contam histórias. O corpo conta uma história: traz em si posturas, estilos e cicatrizes que revelam quem o sujeito é para o mundo”.

Amadou Hampatê Bà (2010, p. 221), um pesquisador africano, ensina que um conto de tradição oral pode ser entendido em vários níveis, cada qual com sua própria relevância: “No **primeiro nível**, o conto é puramente recreativo e seu objetivo é divertir e distrair crianças e adultos”, diz ele. Efetivamente, uma história faz isso, ela possibilita experimentar o prazer de entender o mundo e a existência por meio de imagens mentais que nossos cérebros produzem ao ouvir os contos, nos levando a imaginar outras realidades e, assim, respeitar diferenças.

Ainda segundo o autor, em um **segundo nível**, para as crianças que escutam e recontam histórias, o conto constitui também uma forma de aprendizagem da língua através da oralidade, desenvolvendo mecanismos do

pensamento, de forma simultânea e de modo interrelacionado, logo a partir dos primeiros anos de vida e em contextos reais de cada criança.

No **terceiro nível**, através das histórias vividas pelas personagens, encontramos um suporte de ensinamento para a iniciação às regras morais, sociais e tradicionais da sociedade, uma vez que revelam o comportamento ideal de um ser humano no seio da família ou da comunidade. Afinal, as histórias refletem a sabedoria ancestral, sendo porta-vozes das memórias, das tradições e do imaginário dos grupos dos quais se originaram e fundamentam valores a serem aprendidos.

Por fim, destaca ele, o conto ilustra as atitudes a imitar ou a rejeitar e as etapas a vencer quando se está engajado no difícil caminho da conquista e da realização de si mesmo.

As narrativas promovem o diálogo das crianças com a realidade, ajudando-as a **entender a si mesmas**, as pessoas ao seu redor e a natureza. Além disso, contar histórias para bebês e crianças bem pequenas, estimula o contato com a língua da forma que a criança melhor interage, ou seja, com ludicidade.

Este guia pode ser um recurso para que pais, docentes, agentes sociais, psicólogos, bibliotecários, entre outros, sejam capazes de fazer mediação junto às crianças com as quais convivem para auxiliá-las na aquisição da linguagem oral e escrita em seus variados

usos, o que pode gerar desejo de aprender a ler textos literários ou não.

As histórias, quando oriundas de diversas culturas, promovem autoconhecimento, pois o contato das crianças com sentimentos e conflitos das personagens faz com que reflitam sobre si e sejam empáticas por conta disso.

2 LER OU CONTAR?

Ler e contar histórias não são a mesma coisa, mas são duas ações que devem fazer parte da formação cidadã, seja na escola, seja em outros espaços de formação, inclusive no lar.

Ações lúdico-educativas com as palavras são relevantes para o desenvolvimento da linguagem e da interação infantil, mas, para crianças em situação de estresse hospitalar, a contação de história mostrou-se muito mais relaxante, conforme Brockington (2021). O estudo revelou que as crianças pesquisadas produziram mais as substâncias do bem-estar, naturalmente excretadas pelo corpo, quando ouviam histórias, comparadas às que foram expostas a brincadeiras com palavras, como trava-línguas ou adivinhas.

Esse fato levou pesquisadores a concluir que as narrativas, estimulam o aprendizado, de forma prazerosa.

Para que as ações de ler e de contar histórias fiquem bem evidentes, a seguir, são apresentadas cada uma:



LER HISTÓRIAS tem a ver com o papel, com a escrita. É pegar um livro, uma revista, ou, mesmo, um tablet ou celular e ler exatamente como está escrito, com todos os sinais de pontuação, palavras, respeitando a produção escrita tal qual ela se apresenta. Todo texto literário necessita da performance para ter sentido, assim, ao ler também é preciso exprimir nas palavras os sentimentos e sensações que a história exige, conforme veremos em seção específica deste guia (p. 12). Não se pode ler literatura como se lê uma notícia ou um manual de instruções.

CONTAR HISTÓRIAS é, acima de tudo, oralidade. Contar histórias é ação tradicional, pois, muito antes de aprendermos a nos expressar por meio da escrita, nos comunicávamos oralmente e, assim, passávamos nossos conhecimentos uns para os outros. Por mais que a sociedade atual seja centrada na escrita, a comunicação por meio da fala ainda é muito empregada. Portanto, as habilidades de expressão oral devem ser estimuladas nas crianças desde o seu nascimento.

IMPORTANTE!

A voz, o corpo e o olhar constituem o tripé da contação de histórias. Enquanto na leitura é necessário seguir exatamente o texto escrito, na contação é possível acrescentar ou tirar partes não essenciais do texto durante a narrativa, pois, sem nenhum texto em mãos, a contação de histórias flui, através da voz, do olhar e da expressão corporal.



Ao deixar bem clara a diferença entre ler e contar, somos capazes de equilibrar a oferta das duas ações para as crianças e isso é fundamental quando queremos um desenvolvimento contínuo e contextual da linguagem desde que o bebê nasce.

A seguir, veremos algumas reflexões que servem para guiar você nessa ação artístico-pedagógica denominada contação de histórias.



3 PERFORMANCE: COMO CONTAR HISTÓRIAS?



Seus olhos estavam atentos. Aquele dragão poderia atacar a qualquer momento, precisava estar preparada para o combate. Era uma garotinha bem pequena e franzina, mas, com as palavras mágicas ensinadas pela fada da floresta das mil cores, ela sabia que poderia vencer aquela fera. Então ela olha nos olhos do dragão e diz as palavras mágicas: “por favor!”. O dragão, agora dócil e gentil, deixa-a passar. Ela respira fundo, olha em volta e vê seus coleguinhas e sua sala de aula. Mas ela já não se sente a mesma, agora sabe que pode vencer o dragão, mesmo que ele apareça na forma de um cachorro latindo, ou de alguma pessoa lhe dizendo coisas feias. Com as palavras certas, ela sairá vencedora. Há esperança...

Como contar ou ler histórias? Como saber encantar pelas histórias? Qualquer pessoa que conte/leia histórias lindamente irá responder que, primeiro, é preciso encantar-se pela história.

Segundo Edil Costa (2015), pode-se **exercitar a prática** da contação de histórias a partir da leitura de diversos autores ou audição de narrativas orais recolhidas da tradição. Em qualquer dessas situações, é preciso ouvir ou ler antes a história, conhecê-la verdadeiramente, para que não seja só uma história, mas um diálogo travado na mente de quem ouve, no sentido de ter vivência com as palavras e ter interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre elas.

Bruno Bettelheim (2014) nos ensina que os contos de fadas falam sobre problemas humanos universais, por isso aliviam pressões que percebemos nitidamente ou não. O mesmo pode ser dito de todas as histórias, sejam no formato de contos, parábolas, fábulas, mitos, lendas. À medida que se desenrolam, as histórias mostram caminhos para resolver e lidar com conflitos. Então, não podemos esquecer que as histórias traduzem sentimentos e sensações que precisam ser explicitados durante a contação/leitura.

Para encantar uma história, precisamos dar muita atenção ao que fazemos com o corpo, a voz e o olhar. Celso Sisto (2015), pesquisador e contador de histórias, afirma que o corpo do contador de histórias é a folha em que o ouvinte lê a história. Por isso, o autor orienta a evitar gestos muito bruscos, muito largos e muitas movimentações com as mãos, principalmente evitar interpretar a história com o corpo. A interpretação da história cabe a quem ouve.

Para a pesquisadora, autora e contadora de histórias Cléo Busatto (2003), **o olhar deve ser acolhedor**, pois tem muita importância na hora de contar. É preciso olhar no olho de quem ouve a história, mesmo que sejam muitas pessoas ouvindo, podemos passear o olhar pela plateia, de forma a acolher com o olhar...

Gislayne Matos (2014), pesquisadora e contadora de histórias, defende que a palavra é viva e mutante; ela pulsa, respira e escorrega quando se tenta prendê-la, mas pode ser muito generosa com aqueles que sabem respeitá-la em suas particularidades. Assim, é preciso ter cuidado com a voz.

Além dessas reflexões sobre o contar/ler, mais alguns detalhes na forma de orientações são apresentados a seguir, juntamente com algumas sugestões a partir de experiências de contação.

3.1 Encantar uma história

Como foi dito acima, para encantar uma história, é necessário que a pessoa que conte ou leia a história esteja encantada por ela. Para tal, além de ler ou ouvir o texto com atenção, é preciso pensar na história, perceber os momentos mais marcantes, os momentos de expectativa, de suspense e de desfecho da história. Na próxima seção - **Encontrando sua identidade de**

contador de histórias (p. 25) – trataremos de forma mais específica desse processo.

Ao conhecer a fundo a história, a força da narrativa toma espaço na voz de quem conta/lê, pois conhecerá o sentimento presente ali e como pode representá-lo numa voz que condiz com a situação contada, por exemplo: não se pode dizer que o lobo, batendo à porta do porquinho, querendo devorá-lo, fala como se estivesse pedindo o pão na padaria. É preciso trazer na voz a emoção necessária ao entendimento do perigo da situação. A voz de quem conta/lê a história é perpassada pelo sentimento presente na história. Enfim, é preciso sentir a história.

Nesse sentido, são apresentadas abaixo reflexões e orientações sobre como adequar o tom de voz, como iniciar uma história, como inserir a música na contação entre outros.

- I. **O tom de voz** na contação é especial. Embora a entonação dependa das características do trecho da narrativa contada, de modo geral, a voz de quem conta/lê precisa ser leve, suave: nem alta que irrite quem ouve, nem baixa que haja dificuldade em ouvir. Não há pressa, pois a fala calma dá o tempo necessário para a pessoa que ouve ter tempo de elaborar as imagens mentais produzidas pela narrativa, entrando, assim, na história junto com quem conta. Em

teatro, fala-se da pausa dramática, ou seja, aquele momento em que, por segundos, deixamos o silêncio pro- vocar expectativa sobre a narrativa. Momento de olhar nos olhos de quem ouve. Mas, cuidado! Nada de fazer uma voz diferente da sua. É pre- ciso manter sua voz, seja aguda ou grave. Basta apenas sentir a história como se ela estivesse acontecendo no momento na qual a conta. In- clusive, é bom evitar um tom vocal muito infanti- lizado. Seja natural, o máximo possível.

- II. **Iniciar a história** cantando uma música pode ser bem eficiente, mas pode ser algo mais simples como uma declaração:

“agora vou contar uma história”

ou convite:

“quem quer ouvir uma história?”

ou convocação:

“Venham ouvir uma história!”.

Mas é preciso haver o momento de chamado para a história, ou seja, o momento do encantamento. Às vezes, até um silêncio pode ser o chamado: olhar para as pessoas para quem vai contar,



DICA! Caso queira imitar as vozes de personagens, tome cuidado para mantê-las até o final da história.

esperar que se calem para começar... Também o momento de finalizar a história deve ser marcado para que se saiba que ali finda o encantamento. Na próxima seção serão apresentadas algumas sugestões sobre isso.

- III. Música na história. A música pode aparecer no início, durante e no fim da contação de histórias. A famosa autora, contadora e cantora Bia Bedran (2012) defende o cantar como ação humana e, para tal, basta ter voz. Ensina, também, que uma música encanta a história. Não tenha medo de cantar uma música, com ou sem ajuda de instrumentos musicais. Às vezes a história exige a canção e é sempre encantador. Mas tome cuidado para não poluir a história com músicas, instrumentos musicais ou sonoplastia em excesso. Lembre-se sempre de que a história é o foco maior.

DICA: o espelho é um grande aliado de quem conta histórias. Conte a história diante de um espelho e veja a sua reação; observe se não está muito afetada e se está convincente. Uma pessoa de sua confiança também pode ser “espelho”, avaliando sua performance e oferecendo sugestões de aprimoramentos.



3.2 Criar um cenário

Criar um cenário é



uma ação acolhedora que promove a ambientação e encantamento da narrativa e pode ser:

a. Ambiente Mental, uma descrição feita antes de contar uma história e que já faz parte do texto: “em um distante reino cercado por montanhas e vales bem verdes..”; ou “numa vila ao pé de uma montanha

1 Estandarte feito com pano grosso, com bonecos e enfeites feitos de feltro, presos em cabo de vassoura.
Fonte: acervo e foto da autora

com muito gelo em seu cume...”; ou um simples “era uma vez...”. A saudosa contadora de histórias baiana Betty Coelho (1999, p. 69) sugeria uma musiquinha assim:

Era uma vez
Assim vai começar

A linda história Que agora vou contar

Bata palmas, minha gente,
Bata palmas outra vez,
Bata palmas bem contente,
Vou contar... era uma vez...



2 mesa composta por materiais que podem auxiliar na contação de histórias: bonecos, fantoches, dedoches, cenários, bolsas de histórias, instrumentos musicais.

Fonte: acervo e foto da autora

a. Ambiente Físico, prepare um espaço para o momento de contação ou leitura de história. Pode ser construído com livros, bonecos, fantoches uma linda toalha. Ou, ainda, caso não seja possível essa preparação, pode ser usado um simples avental reservado especialmente para esses momentos, ou um chapéu, um xale, algo tornando o momento especial, diferente do dia a dia e que seja um código disparador do momento de contar/ler. Tem quem use tapetes nos quais as histórias são contadas, ou livros de pano, ou imagens.

DICA: não há problema algum em usar um desses dois espaços ou usar os dois ao mesmo tempo, contanto que seja criado um momento especial para a contação/leitura.

3.3 Uso de apetrechos

Fantoches, dedoches, bonecos, tapetes de contação, imagens ou outros elementos são sempre bem-vindos, mas não são itens obrigatórios. O que importa é a construção da imagem mental do desenrolar da história. Para isso, descreva com clareza as ações das personagens de forma clara e enfática, ressaltando sentimentos e sensações. Fazendo isso, estamos estimulando a imaginação e criatividade.

Mas, se achar necessário ou desejar usar tais recursos, tenha atenção para não abandonar o objeto, garantindo que faça parte integrante da história.

Podemos aproveitar os bonecos que as crianças tenham na escola ou em casa e acrescentar uma roupinha diferente: com um capuz vermelho, uma boneca logo se torna Chapeuzinho Vermelho.

Para construir apetrechos, você precisa de panos ou roupas que não use mais e material que pode ser reciclado, além de papel, cola e tesoura.

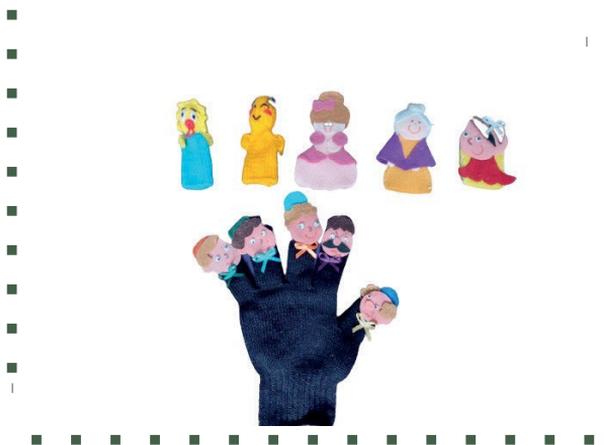
DEDOCHES: são fantoches que colocamos nos dedos. Você pode fazê-los de papel, elaborando seus próprios desenhos ou recortando imagens de revistas, fazendo como no modelo abaixo:



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/316800155025615332/>

Os dedoches podem ser feitos de feltro, pano, crochet ou até de luva ou meia.

Fonte: acervo e foto da autora



Para quem prefere coisas bem mais simples:



Fonte: <https://artesanatobrasil.net/dedoches-de-eva/>



Fonte: acervo e foto da autora

Os fantoches são bonecos inteiros ou somente a parte de cima, que manipulamos com as mãos.



Fonte: acervo e foto da autora

Podem ser bastante elaborados, ou simplesmente feitos do mesmo material dos dedoches, basta fazer um pouco maiores para caber a mão que o irá manipular.



Fonte: acervo e foto da autora

Também tem os aventais, que podem tomar a proporção da sua criatividade. Um pano que esteja sem utilidade em casa, cortado na forma de avental, ou uma perna de calça que não sirva mais, ou mesmo um avental reutilizado.

Além disso, pode colocar os elementos numa mala mágica, encontrada em qualquer loja de variedades, como esta abaixo, por exemplo. A ideia é manter um clima de suspense e ir tirando os elementos da contação: dedoches, fantoches, bonecos, de dentro da mala...



Fonte: acervo e foto da autora

4 ENCONTRANDO SUA IDENTIDADE DE CONTADOR DE HISTÓRIAS

É preciso assumir o fato de que não escolhemos uma história para contar; ela que nos escolhe.

Hassane Kouyaté, em curso ministrado em São Paulo em 2012, afirmou que “Não existe bom ou mau contador, apenas mergulhamos ou não em seu universo”. Conforme destaca Toni Edson Santos (2016, p. 20) em sua pesquisa, isso quer dizer que é algo intrínseco ao ser humano e que não tem um modelo a ser seguido. Cada um encontra seu jeito de se encantar e encantar uma história.

Uns se vestem de personagem, contam histórias como se fossem palhaços, bonecas, velhinhas, matutos. Também podem ser utilizados bonecos, fantoches ou outros

apetrechos, não importa, contanto que a história seja o centro da ação.

Ainda assim, apresentamos, a seguir, algumas dicas colhidas de pessoas que pesquisam e contam histórias. Estas orientações servem para qualquer história contada ludicamente.

4.1 Antes da contação/leitura

- » Leia ou ouça com atenção a história. Identifique a personagem principal (geralmente é a que aprende alguma coisa durante a história e modifica seus sentimentos e/ou ações).
- » Destaque qual foi a aprendizagem da personagem principal. Reflita sobre o que isso diz sobre você e suas próprias experiências.
- » Perceba o momento mais importante da história, geralmente ocorre na mudança de comportamento da personagem principal.
- » Encontre quem ou o que ajudou a personagem principal a alcançar seu objetivo. Qual elemento mágico ou não foi usado para isso?
- » O que provoca o desfecho, ou seja, o fim da história?

- » Imagine-se sendo cada uma das personagens da história. Com qual você se identifica mais? Com qual se identifica menos?
- » Para praticar sua performance, primeiro conte a história diante do espelho.
- » Considerando essas orientações, você estará mais bem preparado para iniciar a contação ou leitura da história. Então é hora de pensar como será iniciada a narrativa: uma frase, uma canção, um toque de um instrumento musical.

4.2 Durante a contação/leitura

- » Este é um momento performático, portanto releia o que foi dito na seção sobre performance (p.12) e foque na voz, no olhar e no corpo. Seja contando ou lendo a história, passe verdade nos fatos narrados e nos sentimentos envolvidos.
- » Procure deixar o ambiente tranquilo e aconchegante, confortável e relaxante.
- » Apresente a autoria da história, se for uma história lida/contada de livro, ou o nome de quem você ouviu a história, no caso de conto da tradição oral.
- » Traga seu ouvinte para a história. Faça com que participe, através de perguntas, mesmo sem pre-

cisar de resposta: “o que será que a Chapeuzinho Vermelho vai encontrar na floresta?”; ou “o que você acha que havia no banquete que a rainha mandou fazer para as fadas?”; ou “falem junto comigo a palavra mágica: abracadabra!”... Cada história vai lhe dar uma possibilidade de participação. Essa participação serve para provocar mais engajamento à história, fazendo parecer que está acontecendo naquele instante o fato narrado e que todo mundo está participando.

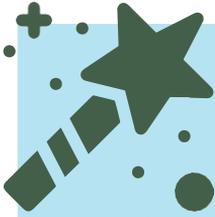
- » Caso haja interrupções no meio da história (geralmente há quando crianças estão ouvindo), dê atenção a quem pergunta/interrompe, trazendo a interferência para a história. Ouça a criança. **Para sermos bons contadores de histórias, precisamos saber ouvir.** Veja abaixo exemplos de fatos ocorridos durante a contação de histórias:

CONTADORA: então a fada estava preparada para fadar a princesinha, quando...

CRIANÇA: o que é fadar?

CONTADORA: fadar é o que as fadas fazem, dão uma bênção, um dom, por exemplo, essa fada ia dar o dom da beleza para a princesinha, mas....
[continua a história]

...
CONTADORA: a princesa vestiu suas galochas e foi para a chuva...



CRIANÇA: você sabe que minha mãe me deu uma boneca nova?

CONTADORA: é mesmo? Deve ser linda, depois você conta para a gente como ela é? Pois nesse momento a princesa já havia caminhado muito na chuva, quando...
[continua a história]

4.3 Após a contação/leitura

- » Conforme discutido anteriormente, não se esqueça de dizer uma frase ou cantar uma musiquinha para quem ouve perceber que a história acabou: “passou pelo pé de pato e entrou pelo pé do pinto, quem quiser que conte cinco”; ou “quem gostou bate palma, quem não gostou perdoa de corpo e alma”; ou “não sei se foi bem assim que aconteceu, mas foi bem assim que me contaram”. Mas pode ser uma quadrinha recitada assim:

O que era de vidro, quebrou
O que era de papel, rasgou
Mas, o que aprendeu, ficou

- » Você pode inventar uma original só sua, com sua identidade.
- » A depender de onde esteja - em casa, na sala de aula, na biblioteca, no hospital -, muitas coisas podem ser feitas após a contação para que a

história seja pensada por quem a escutou, provocando, assim, aprendizados sobre a língua, tanto no campo da escuta, quanto no da escrita. Desde uma simples conversa sendo iniciada por “o que você achou da história?”, até ações envolvendo o enredo, como desenhar as personagens de que mais gostou; desenhar um novo final; escrever um final diferente; fazer um teatro representando a história; contar a história como se fosse uma história do dia a dia, uma história comum; re- contar a história apenas com gestos; pedir que conversem em pares sobre a história e depois falem sobre as conclusões a que chegaram para o grande grupo; pedir que representem uma cena das personagens que mais gostaram...

- » Refletir sobre o aprendizado da personagem principal pode levantar questões que envolvem a composição da narrativa, como: as características das personagens, seus comportamentos e ações, o cenário em que ocorrem os fatos, o tempo da narrativa. Também pode ser terapêutico, mas é melhor deixar a cargo de um profissional da psicologia lidar com os sentimentos e sensações advindos das vivências com as histórias.

- 
- » Após a contação/leitura da história pode ser orientada uma produção de texto escrito, ou imagético, ou ambos, conforme a possibilidade da criança. Essa ação será um forte aliado para acesso da criança ao funcionamento da língua: podendo ser explorados conteúdos de fonética, silabação, ortografia, construção frasal, construção da narrativa, ou outros, a depender da idade da criança.



5 CONSTRUINDO REPERTÓRIO

A construção de repertório é uma parte que costuma ser bastante pessoal, afinal, como já foi dito, cada pessoa se engaja em determinadas histórias e em outras, não... A história que nos escolhe, lembra? Mas umabiblioteca diversificada sempre ajuda.

Para a construção de repertório, talvez uma das ações mais importantes seja ouvir. Ouça pais, mães, avós, avôs, tios e tias, vizinhos, contadores locais. Peça para contarem histórias e as ouça com atenção. Esse

é um repertório muito rico que ensina sobre quem somos e de onde viemos.

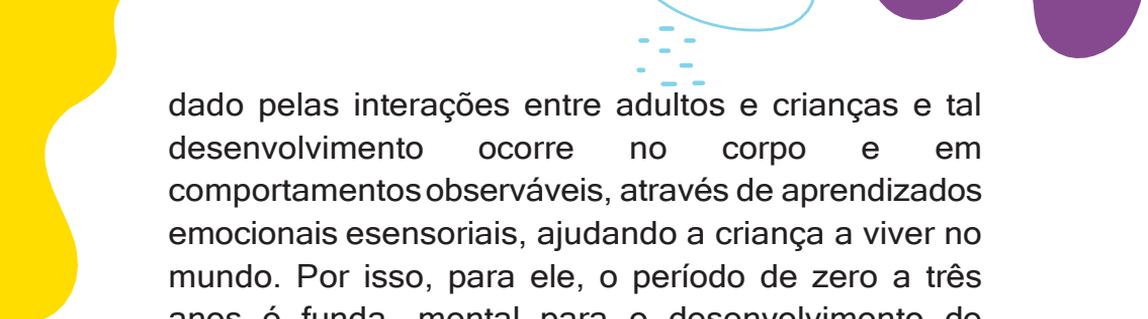
Caso seja difícil encontrar livros em sua localidade, sempre podemos recorrer à internet. Ali encontramos, por exemplo, muitos livros disponibilizados em formato digital. Tente encontrar histórias que satisfaçam aos interesses da criança, dentro de seu tempo de desenvolvimento.

Apresentamos a seguir sugestões de alinhamento às etapas de desenvolvimento infantil, tendo como foco a apreensão de habilidades socioemocionais e funções executivas.

5.1 Qual a melhor história para cada faixa etária?

Durante o século XX, o campo da Psicologia estudou o desenvolvimento da criança e muitas aprendizagens vieram desses estudos. Atualmente, com o desenvolvimento de equipamentos de ressonância magnética na Medicina, principalmente no campo da Neurologia, a qual estuda o cérebro humano, muitas ideias se concretizaram e outras avançaram, corroborando tais conhecimentos com o que nossos ancestrais já faziam e diziam.

O especialista em Neurologia infantil, Saul Cypel (2019), explica que o desenvolvimento infantil é mol-



dado pelas interações entre adultos e crianças e tal desenvolvimento ocorre no corpo e em comportamentos observáveis, através de aprendizados emocionais e sensoriais, ajudando a criança a viver no mundo. Por isso, para ele, o período de zero a três anos é fundamental para o desenvolvimento de interações corpo a corpo. Aí entra a contação de histórias, pois essa ação ancestral demanda olho no olho e proximidade. Mas é certo que ler/contar histórias não é de interesse apenas dos pequenos, abrange todas as idades.

Fato é que, na atualidade, há um crescente interesse na compreensão sobre as funções e o poder dos contos nos processos psíquicos e educativos. O psiquiatra infantil francês Pierre Lafforgue (2002) defende que “a prática do conto vai deixar no psiquismo da criança traços interiorizados, eventualmente reutilizáveis em situações conflitivas ou angustiantes”.

Como um guia para a escolha de repertório, considerando aspectos ligados ao desenvolvimento cognitivo e funcional da criança, seguem algumas reflexões e sugestões com base na produção da professora e pesquisadora Ana Mariza Ribeiro Filipouski, que, em 1982, produziu um quadro para ser utilizado como suporte teórico nas definições dos livros de literatura infantil, considerando o desenvolvimento cognitivo infanto-juvenil e o desenvolvimento da relação da criança com a leitura. As sugestões de histórias a serem contadas são apresentadas segundo o momento de desenvolvimento

cognitivo de cada faixa etária.

Primeira infância (até 3 anos, ou fase-pré-mágica)

Nesta fase, inicia-se o desenvolvimento mental, do reconhecimento da realidade pelo tato, fase de descoberta de si mesmo e das pessoas ao seu redor. Por isso, há muita necessidade de contatos afetivos, para que sejam explorados os sentidos do mundo e novas descobertas, por meio da conquista da linguagem, presente no jogo simbólico. Nessa faixa etária, as crianças demonstram aumento constante de vocabulário e utilizam sentenças simples (formadas de três a quatro palavras), criando palavras para expressar suas necessidades. Gostam de bater palminhas, imitar gestos e sons; de dramatizar livremente; de ouvir os adultos repetir sílabas que pronunciam e encontram grande satisfação em ouvir, pois as palavras valem pelo som que produzem. Interessam-se pouco pelo conteúdo das histórias por não apreenderem a sequência lógica dos fatos. Gostam de ouvir histórias curtas e rimadas e de observar gravuras e ouvir músicas. Sua atenção é dispersiva.

SUGESTÕES: histórias de bichos; contos rítmicos que sejam leves, lúdicos, bem-humorados e curtos; histórias de repetição; histórias utilizando as mãos ou os dedos; histórias utilizando muitas imagens; histórias dramatizadas com sons e gestos.

Primeira infância (até 7 anos ou fase mágica)

Esta é uma fase lúdica, na qual predomina o pensamento mágico e, com ele, a criança aumenta, rapidamente, seu vocabulário e faz muitas perguntas. Geralmente querem saber a origem das coisas e compreender a si mesmas, pois é uma fase muito referenciada em si mesma. Por ser uma fase muito densa de aprendizados, pode ser dividida em duas:

- » **Idade 3 a 5 anos.** Nessa faixa etária, as crianças encontram-se na fase do realismo imaginário. Para elas, a imitação representa a realidade, e todas as coisas são vivas e dotadas de intenções e sentimentos. É a fase em que conquistam a própria linguagem e fixam-se como ouvintes. Assim, apresentam maior capacidade de concentração. Gostam de brincar com jogos, adivinhas e possuem maior compreensão da sequência lógica.
- » **Idade 5 a 7 anos.** Nessa faixa etária, as crianças já possuem uma capacidade de expressão verbal mais desenvolvida e maior capacidade de concentração, sendo capazes de ouvir histórias por um tempo maior, bem como repetir sua sequência. Ainda não há diferenciação da realidade

externa e os produtos da fantasia infantil, mas já têm mais noção de limites e de certo ou errado. Entretanto, o tempo ainda não tem significação, não há precisão sobre passado nem futuro, a vida é o momento presente. Para Jean Piaget (1999), essa é uma etapa animista, pois todas as coisas são dotadas de vida e vontade. Assim, o elemento maravilhoso (como fadas, bruxas) começa a despertar o interesse da criança.

SUGESTÕES: contos sobre a origem das coisas; histórias de bichos; pequenos contos de fadas com enredo simples e poucas personagens, principalmente quando as personagens são crianças; história da vida real: crianças, famílias e comunidade; histórias acumulativas e de repetição; histórias de exemplos; histórias de objetos e animais humanizados; histórias improvisadas; histórias rítmicas e rimadas.

Fase escolar (7 a 10 anos)

Nessa fase, a criança tem interesse em ler e escrever e sua atenção está voltada para o significado das coisas. Além disso, já inclui outras pessoas no seu universo, valorizando muito estar em grupos, agindo cooperativamente. Seu pensamento está se tornando estável e lógico, mas ainda não é capaz de compreender ideias totalmente abstratas, só conseguindo raciocinar a partir do concreto. Já aceita textos mais longos, mas as imagens ainda devem predominar sobre o texto. É um período em que as crianças prezam pela socialização, ou seja, cooperam bastante e apreciam a companhia de



peças de sua idade, formando pequenos grupos de amigos. Possuem maior capacidade de concentração, ou seja, esperam a sua vez em conversas, escutam outras pessoas falando, interessam-se por histórias mais longas e com enredos simples. Nessa fase, há muita sensibilidade à fantasia.

SUGESTÕES: histórias de crianças agindo juntas, animais e encantamentos; contos de fadas mais elaborados; aventuras no ambiente próximo: família e comunidade; histórias humorísticas; lendas; mitos; histórias verídicas e religiosas; narrativas de viagens; histórias com muita ação. Os contos populares são muito apreciados.

Fase escolar (11 anos em diante)

A partir dos 12 anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que a pessoa está na pré-adolescência. É a época em que há domínio de noções abstratas de tempo, espaço, número, semelhança e diferença. A criança penetra no mundo real e começa a interessar-se pelos atos heroicos, pelo romantismo. É a fase dos romances de aventura e amor.

SUGESTÃO: mitos variados de diversos países e culturas; narrativas de viagens; histórias verídicas; contos de heróis; biografias e romances.



Essas sugestões consideram os estudos da Psicologia e da Neurociência, no entanto, é importante conhecer melhor a criança para quem você irá contar ou ler as histórias, verificando rapidamente as características dos estágios de desenvolvimento, propostos por Jean Piaget (1999), que servem de parâmetro para uma possível aplicação na leitura. É, também, relevante considerar tanto os gostos que a criança demonstra ao concentrar-se ou não numa determinada história, quanto a cultura local. Para esse autor, a criança passa por fase de transição fundamental entre ação e operação, ou seja, entre aquilo que separa a criança do adulto. Aplicada ao desenvolvimento da leitura na criança, pressupõe-se, também, que o leitor passa por fases previamente determinadas, mas há sempre as exceções, as questões ligadas às necessidades especiais das crianças: problemas neurológicos, motores, intelectuais etc.

O mais importante de tudo dito até aqui é nunca perder de vista que a contação/leitura de histórias é arte, por isso deve primar pelo prazeroso e lúdico, nunca forçando a criança a ouvir/ler uma literatura que não agrade, ou que ela não consiga acompanhar, sob pena de fazer com que não queira mais essa experiência.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. Trad. Georg Otte, Marcelo Backes, Patrícia Lavelle. 2 ed. São Paulo: Hedra, 2020.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BROCKINGTON, Guilherme; et al. Storytelling increases oxytocin and positive emotions and decreases cortisol and pain in hospitalized children.

- Texto publicado em **Psychological And Cognitive Sciences**. <https://doi.org/10.1073/pnas.2018409118>. Disponível em <https://www.pnas.org/content/118/22/e2018409118>, 2021 Acesso em 15 fé 2022.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2003.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- COSTA, Edil Silva. O contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de narrar. In: MEDEIROS, Fabio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rale. **Contaço de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015. p. 29-38.
- CYPEL Saul. A importância das interações com os pais para o desenvolvimento infantil. [Entrevista cedida a] **Fundação Maria Cecília Souto Vidigal**, publicado em 2019. Disponível em: https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/importancia-interacoes-pais-desenvolvimento-infantil-saul-cypel/?gclid=Cj0KCQiAoN-WOBhCwARIsAAiHnEj8W_HS6hFS_EXvGdb6156HG-NC-5FNbSgzhP_c4dv9FJAXsu7Wq-waAsjpEALw_wcB. Acesso em 22 jan. 2022

FERNANDES, Frederico. Histórias da história da narração: o Centro-Oeste em perspectiva. In: MEDEIROS, Fabio

- Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. **Contaçon de histórias: tradiçon poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições SESCO São Paulo, 2015. p. 113-125.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; ZILBERMAN, Regina. **Érico Veríssimo e a Literatura Infantil**. Porto Alegre, Editora da Universidade, UFRGS, 1982.
 - HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradiçon viva. In: **História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2ª Ed. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>. Acesso em 15 fev 2022.
 - HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Trad. Janaína Marcoantonio. 19 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
 - LAFFORGUE, Pierre. **Petit Poucet deviendra grand: soigner avec le conte**. Paris: Mollat Éditeur, Petite Bibliothèque Payot, 2002.
 - MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
 - MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Rauen Taiza Mara. **Contaçon de histórias: tradiçon, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 21-28.

- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.
- SANTOS, Toni Edson Costa. **Narrativas na rua: da inspiração Djeli às rodas de histórias em Maceió**. Salvador. Orientador: Eliene Benício Amâncio Costa. Tese (Doutorado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro da UFBA, 2016.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

Conte histórias e mais histórias

Elas promovem um encontro importante com a ancestralidade e com você mesmo, estreitam laços e promovem aprendizagens.

CONFIRA OUTROS MATERIAIS
E ORIENTAÇÕES EM
ALFABETIZACAO.MEC.GOV.BR



unesco

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

